

Arranjo Socioprodutivo de Turismo Comunitário: O Olhar dos Protagonistas da Experiência do Rio Sagrado (PR)

Gabriela Zamignan¹
Carlos Alberto Cioce Sampaio²
Cristina Frutuoso Teixeira³

Resumo: Atualmente, diante da concorrência imposta pelo mercado globalizado, pequenas comunidades rurais buscam por novas formas de organização e desenvolvimento territorial, como vem acontecendo com a experiência do Arranjo Socioprodutivo de Base Comunitária nas comunidades da Região Sudoeste da Microbacia do Rio Sagrado, em Morretes, Paraná. Nessa experiência, enquanto o arranjo socioprodutivo e político de base comunitária (APL.Com) oportuniza modos de produção artesanais, o Turismo Comunitário e Solidário (TCS) potencializa modos de vida locais. Assim, tem-se como eixo central do arranjo socioprodutivo, o turismo de base comunitária (APL.Tur). O artigo teve como objetivo apresentar a organização do Arranjo Socioprodutivo de Turismo de Base Comunitária APL.Tur do Rio Sagrado, a partir dos relatos dos atores envolvidos nas atividades, e como este favorece o desenvolvimento territorial. Para avaliação do APL.Tur, utilizou-se entrevista aberta com objetivo de identificar a opinião desses atores envolvidos nas atividades do arranjo, assim como, para obtenção de maior detalhamento do assunto em questão. Os resultados apontam que, mesmo com dificuldades na coesão e participação comunitária, os membros comunitários que estão envolvidos nas atividades buscaram identificar e propor soluções para seus problemas, ou seja, organizar, coordenar e articular os encadeamentos do arranjo socioprodutivo, atuando como protagonistas de seu próprio desenvolvimento.

Palavras-chave: Arranjos socioprodutivos. Turismo Comunitário. Desenvolvimento territorial sustentável.

Introdução

¹ Turismóloga. Mestre em Meio Ambiente e Desenvolvimento pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). gzamignan@gmail.com

² Ecosocioeconomista. Professor do Curso de Graduação em Turismo e do Programa de Pós-Graduação (PPG) em Gestão Urbana da Pontifícia Universidade Católica (PUC-PR) e do PPG em Desenvolvimento Regional da Universidade Regional de Blumenau (FURB). Colaborador dos PPGs em Meio Ambiente e Desenvolvimento, Turismo e Sistemas Costeiros e Oceânicos (UFPR). Pesquisador CNPq. Coordenador Adjunto da Área em Ciências Ambientais/CAPES. Email Carlos.cioce@gmail.com

³ Socióloga. Professora do Departamento de Educação e do PPG em Meio Ambiente e Desenvolvimento/UFPR. Email. cristinatufpr@gmail.com

X SEMINÁRIO 2013 ANPTUR

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
9 a 11 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul

Atualmente, diante da concorrência imposta pelo mercado globalizado, pequenas comunidades rurais buscam por novas formas de organização e desenvolvimento territorial, como vem acontecendo com a experiência do Arranjo Socioprodutivo de Turismo de Base Comunitária (APL.Tur) nas comunidades da região Sudoeste da Microbacia do Rio Sagrado, em Morretes, Litoral do Paraná.

Nessa experiência, enquanto o arranjo socioprodutivo e político de base comunitária (APL.Com) oportuniza modos de produção artesanais, o Turismo Comunitário e Solidário (TCS) potencializa modos de vida locais. Assim, tem-se como eixo central do arranjo socioprodutivo, o turismo de base comunitária (APL.Tur).

A região sudoeste da Microbacia Hidrográfica do Rio Sagrado é composta pelas comunidades rurais de Rio Sagrado de Cima, Canhembora, Brejumirim e Candonga, localizadas a 65 km de Curitiba-PR. Conforme diagnóstico ecossocioeconômico realizado em 2007, a população é constituída aproximadamente por 520 famílias, sendo 270 famílias residentes, predominantemente pequenos proprietários rurais, e 250 famílias não-residentes, proprietários de chácaras ou sítios de lazer.

Essas comunidades vêm se organizando diante de dificuldades inerentes às comunidades rurais da região, como a baixa escolaridade, falta de saneamento básico, falta de oportunidades para o desenvolvimento econômico, dificuldades de transporte, dificuldade de distribuição e comercialização de produtos locais, carência de infraestrutura básica e ausência de políticas públicas direcionadas às demandas de desenvolvimento local.

Para tanto, este artigo tem como objetivo apresentar a organização do Arranjo Socioprodutivo de Turismo de Base Comunitária APL.Tur do Rio Sagrado e como este favorece o desenvolvimento territorial sustentável, a partir dos relatos dos atores envolvidos nas atividades.

Arranjos Socioprodutivos de Turismo Comunitário (APL.Tur)

Para concepção do APL.Tur é essencial compreender conceito de Arranjo Produtivo Local (APL). O APL é caracterizado pela existência da aglomeração de número de significativo de empresas que atuam em torno de atividade produtiva principal (Albagli; Brito, 2002), e apresentam fortes vínculos entre si, envolvendo agentes localizados no mesmo território. Ou seja, desenvolvem-se interações não só entre empresas e suas diversas formas de representação e associação, como também entre elas e diversas outras instituições públicas e privadas (Cassiolato; Szapiro, 2002).

A observação destas características originou o conceito de Arranjo Socioprodutivo de Base Comunitária (APL.Com), microempreendimento compartilhado de pequena escala. Esse novo conceito transpõe aspecto meramente econômico, ou seja, designa ampliação do contexto das

X SEMINÁRIO ANPTUR 2013

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
9 a 11 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul

relações produtivas, perpassando pela perspectiva da economia e adentrando na perspectiva da sociologia econômica e das ciências ambientais. Enquanto APL tem como aspecto central questão econômica, voltado à produção de bens e serviços, o APL.Com busca estabelecer relações (redes) entre diferentes agentes sociais, como por exemplo, entre pequenos produtores rurais e artesãos, de forma associada ou individual, e instâncias governamentais ou outros agentes da sociedade civil organizada (Sampaio, 2005; Keller, 2008). Que se entenda que comunidade, termo mais utilizado na antropologia, e lugar, mais comum na geografia, possuem o mesmo significado quando a identidade é elemento comum no território. Para Milton Santos (2002: 314) "cada lugar é, a sua maneira, o mundo".

Ao mesmo tempo, o turismo é considerado em âmbito global como atividade econômica, que gera crescimento, oportunidades de emprego, rendas e divisas. Contudo, Turismo Comunitário ou de Base Comunitária, surge como alternativa ao turismo de massa, oportunizando a descoberta de experiências de outros modos de vida, resistindo à hegemonia da sociedade de mercado, prezando pela relação harmônica entre turista e comunidade receptora (Sampaio, 2005).

Turismo Comunitário emerge como alternativa para pequenas comunidades potencializarem seus modos de produção e de organização considerados atrativos turísticos, estimulando geração de oportunidades de trabalho e renda aos membros da comunidade. Além disso, oportuniza aos indivíduos geralmente excluídos de políticas públicas, acesso tais como à educação, saúde e habitação, através da produção de serviços turísticos de forma associativa, comunitária, compartilhada e responsável.

Irving (2009) aborda sobre importância da coesão social na experiência de Turismo de Base Comunitária (TBC), ou seja, possibilidade de "encontro e oportunidade de experiência compartilhada". Autora ainda complementa que

"O turismo de base comunitária, portanto, tende a ser aquele tipo de turismo que, em tese, favorece a coesão e o laço social e o sentido coletivo de vida em sociedade, e que por esta via, promove a qualidade de vida, o sentido de inclusão, a valorização da cultura local e o sentimento de pertencimento" (p. 111).

Com intenção de fomentar modalidade de turismo que se utiliza dos recursos naturais e culturais existentes nos lugares de forma sustentável, Turismo de Base Comunitária se diferencia do turismo convencional, chamado de turismo de massa, por priorizar a conservação do meio ambiente e das culturas tradicionais.

Coriolano (2006) aponta que esta modalidade de turismo visualiza o morador local como principal ator da comunidade, e que atividade turística é desenvolvida de forma socialmente responsável,

X SEMINÁRIO ANPTUR 2013

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
9 a 11 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul

optando-se pela gestão participativa com conservação dos patrimônios cultural e natural, caracterizando assim, turismo de base comunitária.

Neste sentido, surge a denominação de Arranjo Socioprodutivo de Turismo de Base Comunitária (APL.Tur), com intuito de enfatizar os aspectos institucionais bem como participação e envolvimento comunitário no arranjo. APL.Tur é microempreendimento de turismo compartilhado no qual se vislumbra a possibilidade de superação da competitividade utilitarista econômica e se privilegiam ações no âmbito de rede horizontal de cooperação (Sampaio et al., 2005). Nessa experiência, enquanto arranjo socioprodutivo favorece modos de produção, Turismo Comunitário surge como eixo central desse arranjo, potencializando modos de vida locais.

Assim, pode-se citar que os APL.Tur configuram redes de organizações socioprodutivas territoriais, qualificadas como associativas, comunitárias ou de socioempreendedorismo individual, que precedem a responsabilidade socioambiental (Zamignan; Sampaio; Mantovaneli Jr, 2010).

Cabe ressaltar que abordagem territorial sugere desenvolvimento do território baseado nas premissas da sustentabilidade, caracterizado por construção participativa, descentralizada, reconhecendo os diferentes atores, interesses e anseios que compõem esse processo (Saquet, 2007).

Pecqueur (2005, p. 13) define que “desenvolvimento territorial designa todo processo de mobilização dos atores que leve à elaboração de uma estratégia de adaptação aos limites externos, na base de uma identificação coletiva com uma cultura e um território”. O autor enaltece que construção do desenvolvimento territorial acontece a partir das ações dos atores locais, mesmo que território possua políticas públicas implementadas e que estas auxiliem no processo. Para tanto, esta mobilização dos atores pode dar espaço, por exemplo, criação de redes entre estabelecimentos locais, bem como gerar maior cooperação entre empreendimentos situados em mesmo território, que possuam afinidades ou interesses comuns, possibilitando aos territórios novas formas de inserção produtiva, buscando amenizar dificuldades socioeconômicas (Pecqueur, 2005).

Desta forma, dentre principais benefícios obtidos pelo funcionamento de um APL.Tur, pode-se destacar que valorização das sinergias coletivas por meio da aglomeração de empreendimentos, bem como relação destas com meio ambiente, oportuniza desenvolvimento do arranjo e constitui-se como fonte de vantagens competitivas a longo prazo (Sampaio; Alves; Zechner, 2008).

No APL.Tur, participação comunitária é que garante a qualidade das ações desenvolvidas e sobretudo sua continuidade. Para implementação desse arranjo, é necessário fomentar o fortalecimento das organizações, permitindo que pessoas ou grupos excluídos da economia de mercado, possam ser integrados. APL.Tur é capaz de agregar valor aos pequenos

X SEMINÁRIO ANPTUR 2013

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
9 a 11 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul

empreendimentos e, assim, aumentar possibilidades de sobrevivência diante da economia de mercado.

Além de aumentar a capacidade de sobrevivência das pequenas empresas no mercado, este modelo socioeconômico fomenta a criação de trabalho e renda próximos ao local de residência, diminui o êxodo rural, promove desenvolvimento territorial sustentável e fortalece ação comunitária, que uma vez organizada pode usar esta capacidade acumulada na forma de capital social para alcançar outros objetivos que lhe interessam.

Procedimentos Metodológicos

Este trabalho se valeu de resultados obtidos na dissertação de Zamignan (2012). Para avaliação do APL.Tur, utilizou-se entrevista aberta para identificar a avaliação desses atores do APL.Tur, assim como, para obtenção de maior detalhamento do assunto em questão (Minayo, 2004).

O roteiro foi elaborado a partir de 2 núcleos temáticos, que nortearam as perguntas aplicadas aos entrevistados, avaliando 1) Aspectos socioeconômicos e políticos (Renda; Uso dos recursos naturais; Organização do trabalho; Associativismo; Relações com instituições de apoio, Turismo de Base Comunitária; Educação e qualificação profissional) e 2) Aspectos socioambientais (Manejo dos recursos; APA de Guaratuba; Práticas comunitárias e conservação da biodiversidade). No entanto, neste artigo serão abordados os resultados obtidos na avaliação dos aspectos de Renda e Organização do trabalho.

O período de entrevistas ocorreu entre 26 de novembro e 11 de dezembro de 2011, totalizando uma amostra de 10 entrevistados, sendo estes moradores naturais da Região Sudoeste da Microbacia, que participaram do processo de construção e desenvolvimento do APL.Tur. Cabe ressaltar que os entrevistados solicitaram a não divulgação de seus nomes completos. Nesse sentido, os depoimentos descritos nesse artigo foram identificados pelas iniciais de nome, sobrenome e idade.

Conhecendo a Organização do APL.Tur no Rio Sagrado

A experiência de Turismo de Base Comunitária na região sobrevém desde 2006, tendo como principal diferencial a oferta de vivências aos visitantes. As experiências turísticas se adequam com a definição de arranjo socioprodutivo de base comunitária quando membros da comunidade se articulam para a realização de tais vivências. É a associação (arranjo) de grupos ou indivíduos, organizados ou articulados, que coletivamente (socioprodutivo) se esforçam para oferecer aos

X SEMINÁRIO ANPTUR 2013

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
9 a 11 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul

visitantes aquilo que possuem de mais simples e verdadeiro: a forma como passam e encaram seu dia-a-dia.

Isso se dá na comunidade. Estes socioprodutores agregam valor social e ambiental aos seus bens e serviços, se beneficiando além do aspecto econômico, passando a incorporar aspectos culturais, ambientais, sociais e políticos às suas atividades.

O arranjo promove o engajamento e a capacitação de lideranças locais para o desenvolvimento de um Arranjo Socioprodutivo de Turismo de Base Comunitária, desencadeado pelos produtores rurais e artesãos organizados em associações e/ou de produção individual. Como atrativos centrais, encontram-se as vivências comunitárias, organizadas pelos socioempreendedores que compõem o arranjo, e as Feiras de Trocas organizadas pela própria comunidade. O APL.Tur tem como integrantes, na sua maioria, mulheres da comunidade, com papel fundamental no planejamento e implementação de ações. Tanto nas vivências como nas Feiras de Trocas, o turista tem a oportunidade de entrar em contato com o modo de vida, com o dia a dia do morador local, favorecendo o intercâmbio cultural, as trocas de experiências, conhecimentos e saberes.

A agricultura familiar predomina como forma de subsistência para a maioria das famílias dessas comunidades, tendo como principal renda o plantio de banana, aipim, chuchu entre outros, bem como o trabalho de diarista em chácaras de segunda residência. O APL.Tur no Rio Sagrado se desenvolve em torno da agroindustrialização, artesanato e turismo comunitário. Tem como principais atores a Associação Comunitária Candonga, responsável pela gestão da cozinha comunitária para a agroindustrialização de produtos, e os socioempreendedores que protagonizam vivências comunitárias com intuito de superar a concorrência de mercado, privilegiando ações de uma rede horizontal de cooperação.

Estruturada por duas associações (AMORISA e Associação Comunitária Candonga – sede da Cozinha Comunitária), a representação comunitária do Rio Sagrado já existia antes do início da proposta do APL.Tur. Essas Associações tem como intuito buscar alternativas para melhorar de alguma forma a qualidade de vida dos moradores do território, bem como lutar e defender seus interesses. Desde a criação das Associações, seus membros buscam melhorias para a comunidade, mas segundo as entrevistas realizadas, os moradores reconhecem que a partir de 2006, ocasião na qual iniciaram as atividades no contexto do APL.Tur, que diversos benefícios foram conquistados para a população local.

No que tange à estrutura e organização sociopolítica do APL.Tur, os empreendimentos socioprodutivos locais são qualificados como associativos e/ou de socioempreendedorismo individual, articulados, que funcionam sob uma lógica comunitária. Os membros desse Arranjo compartilham da expectativa de melhoria da qualidade de vida local, por meio de práticas que prezam pela colaboração e a vivência de princípios solidários. Diante das dificuldades, os membros

X SEMINÁRIO ANPTUR 2013

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
9 a 11 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul

encontraram no APL.Tur uma alternativa de desenvolvimento territorial, no qual se sentem à vontade para participar. No entanto, para Inoue (2007), para que uma participação efetiva da população local possa ocorrer no processo é necessário que a mesma esteja motivada a participar e possa acreditar em suas próprias aspirações e a lutar pelas suas realizações.

Com relação ao potencial do APL.Tur para geração de renda é interessante ressaltar que, segundo as entrevistas realizadas, para os moradores locais, o Arranjo é interpretado como alternativa para o desenvolvimento das atividades produtivas tradicionais, a partir da possibilidade de incremento da renda familiar.

A pluriatividade é incentivada pelo Arranjo, no entanto, alguns entrevistados apontaram para a questão da sazonalidade das atividades produtivas que enfrentam na dinâmica comunitária. Isso porque muitos moradores além de trabalharem na produção artesanal com o beneficiamento do cipó-imbé, fibra da bananeira e com a produção de farinha, prestam serviços temporários em residências e chácaras da localidade, recebendo diárias que variam de acordo com a atividade (serviço de roçagem, diarista, carpinteiro, jardinagem entre outros). Essa questão influencia na renda familiar, caracterizando a incerteza de uma média de renda mensal para esses moradores. Outros moradores são assalariados urbanos, atuam como professores e agentes de saúde, e em alguns casos, aposentados.

Para tanto, a pluriatividade se caracteriza como uma estratégia de reprodução social e econômica das famílias rurais, na qual outras atividades são desenvolvidas com o objetivo de sustentar ou de dar suporte à unidade doméstica (Schneider, 2003).

No que tange a organização do trabalho, muitos dos moradores possuem seu tempo específico para produção e/ou para se dedicar as atividades produtivas. Cabe ressaltar que as condições de trabalho são descritas como difíceis, pois muitos trabalham artesanalmente, o que exige maior esforço na atividade.

Como o meu ganho é pouco eu tenho que ir levando devagar. Como a minha produção é artesanal, e eu não vendo pra bancas, mercados, o meu negocio é com vizinhos, com quem encomenda mais aqui no lugar. Vende super bem aqui, se eu quisesse fazer pra todo mês, eu vendo. Mas o trabalho é cansativo, precisa de mais uma pessoa pra me ajudar porque é muito pesado o serviço, eu sozinha não consigo. Porque o meu engenho é antigo, ai exige mais esforço. Se fosse pra cidade, eu ia vender muito mais, porque não existe mais isso da farinha artesanal né, então onde tem alguém que sabe fazer, eles querem. Só que por ser pesado e não ter outro jeito de fazer é aquele jeito artesanal sempre. (C. A., 36 anos)

A questão do tempo é um dos fatores que aparece em destaque quando se fala do modo de produção – que incluem as relações de produção bem como os materiais – dos moradores. Isso

X SEMINÁRIO 2013 ANPTUR

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
9 a 11 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul

porque a maioria considera importante ter o seu tempo de trabalho, para dedicar-se à produção. No entanto, consideram que o tempo dedicado à família e ao descanso é fundamental.

Eu trabalho no artesanato quando eu não saio, quando eu não tenho nada pra fazer na cidade ou por ai assim, aí eu pego as 08h e paro às 11h e pego 13h30 e paro às 16h, porque agora eu to indo pra escola né. Antes eu trabalhava até as dez da noite, agora não. Eu trabalho conforme o tempo livre que eu tenho, se tenho encomenda. Então eu que faço o meu tempo. (R. A., 30 anos)

Eu trabalho só aqui no material de construção. A minha jornada é complicadíssima. Porque o cliente é que manda né? Você viu, o pessoal chega aqui qualquer horário, morando aqui na casa é complicado. Às vezes começa as 6 e termina só as dez da noite. (I. I., 53 anos)

A tá, se eu aumentar minha produção, aonde vão ficar as minhas duas filhas e minha mulher? Vou passar menos tempo com elas, não vou ter tempo pra família. Então eu tento acertar o trabalho conforme a necessidade da minha família (R. A., 38 anos)

Isso porque a comunidade local tem em seu dinamismo comunitário, um 'ritmo' diferente, relacionado à distribuição do tempo entre às atividades produtivas e sociais tradicionais. Ficou aparente que no que se refere ao tempo dedicado para produção e trabalho no APL.Tur, os integrantes seguem um ritmo e um sistema de trabalho de acordo com suas possibilidades:

Eu acho que o negocio não é só o serviço, querer ganhar, ganhar, ganhar... daqui a pouco tá todo quebrado e no final não fez nada! Porque o dinheiro... eu sou uma pessoa que levo as coisas mais tranquilas, pra eu ter meu tempo pra eu descansar, pra daí no outro dia eu começar de novo, eu sou assim sabe. Não dá pra pensar só no dinheiro, é a minha paz de espírito, é eu tá bem, eu me sentir feliz, com vontade de continuar, de trabalhar né? (S. S., 38 anos)

Que nem o pessoal que trabalha numa firma direto, tem dias que não tem condições de tá lá, mas tu é obrigado a tá lá. E nós aqui, a gente pode fazer as coisas conforme o nosso tempo, a nossa disposição. Eu acho assim, que cada um tem que ter o seu tempo, tá descansado, mais leve um pouco pra poder trabalhar. O meu ritmo é esse. Não é o dinheiro. Só que pra muita gente, tudo é o dinheiro. Lógico que a gente precisa, mas a coisa de mais também não leva a felicidade, não vale a pena. (M. C., 67 anos)

Assim pode-se considerar que o modo de produção que caracteriza o APL.Tur é de pequena produção mercantil, isto é, ainda que produzam mercadoria para venda, são comunidades que

X SEMINÁRIO ANPTUR 2013

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
9 a 11 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul

garantem sua sobrevivência por meio da pequena agricultura, do extrativismo, sendo o trabalho assalariado ocasional.

Percebe-se que nesta experiência desenvolvida nas comunidades do Rio Sagrado, estas práticas socioprodutivas fortalecem o senso de comunidade, dando um sentido que perpassa o objetivo estritamente econômico e mercantil: um sentido que favorece as relações sociais, que oportuniza o surgimento de valores coletivos e comunitários. A organização comunitária surge motivada pela premissa de utilizar o turismo como uma alternativa para a organização e o fortalecimento comunitário, não se restringindo apenas à geração de trabalho e de renda.

Outro fator que merece destaque é de que, nos processos de tomada de decisão sobre produção de bens e de encomendas, os integrantes do arranjo participam apontando suas condições e demandas. O grupo reconhece não ter e, ou, não desejar condições de assumir grandes encomendas em um curto período de tempo. E isso se afirma no depoimento dos moradores.

[...] se fosse pra nos entregar produtos pra um outro lugar grande, nós não temo as coisas. Nos não temo produto pra nós pegar uma rede grande, não tem condições. E eu nem gostaria de fazer pra essas rede grande aí. Não porque é muita quebração de cabeça, você vai virar só em desespero. Não vai ter vida. Então deveria ser uma coisa simples que a gente conseguisse atender né? Tem que ter a noção da coisa, que não é bem assim, uma coisa que vai te exigir até o último, e daí pra você dar conta, não vai agüentar. Eu sou daquela de ganhar menos e ter mais tranqüilidade. (C. A., 36 anos)

Em frente a um mercado competitivo, a economia comunitária apresenta características particulares, como produção em pequena escala, divisão do trabalho restrita, acesso limitado a meios de transporte e comunicação, e, muitas vezes, precisa realizar alguns esforços para compreender as demandas por parte da economia tradicional (Diegues, 1994). Diante desse quadro, os relatos acima indicam que, nesta experiência de APL.Tur, pode-se considerar que a dinâmica da economia territorial se sobressai diante das condições impostas pela economia de mercado competitiva e excludente, preservando sua dinamicidade comunitária.

No que tange à comercialização citadas pelos moradores, a questão da dificuldade de comercialização dos produtos surge como um grande impasse para o fomento do arranjo. Outro ponto destacado é a falta de parcerias com produtores e comerciantes do próprio município de Morretes.

Mas isso é da gente se organizar né, que nem aí na BR, era da gente colocar uma banca com produtos só do lugar, só daqui né? Mas o que que acontece: tem produto de Minas Gerais, tem produto lá de Porto Alegre, tem produto lá do

X SEMINÁRIO ANPTUR 2013

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
9 a 11 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul

outro lado e o nosso não tem. Tu vai achar duas, três coisinhas daqui, o resto é tudo de fora. Isso não ta certo né? (R. A., 30 anos)

Conforme o depoimento acima, a valorização dos produtos territoriais pelo comércio da região poderia fomentar o Arranjo, a partir de estratégias que levem em consideração a identidade territorial do produto, por exemplo, a criação de um selo de procedência. No entanto, a abertura de novos canais de comercialização ainda encontra certa resistência.

Se compreende que, só por meio do fortalecimento das relações de confiança e reciprocidade entre os atores do território é que se pode construir, de forma horizontal e participativa, um plano que englobe múltiplos interesses e soluções viáveis para problemas locais, particularmente relacionados à renda. Neste sentido, a criação de parcerias com cooperativas e associações da região desponta como uma alternativa para melhorar a divulgação e inserção dos produtos do Rio Sagrado no Litoral Paranaense. Uma delas em andamento é a inserção do APL.Tur na Motirõ Sociedade Cooperativa. Ela faz parte de uma rede de esforços entre estudantes e profissionais egressos da Universidade Federal do Paraná - Setor Litoral e profissionais advindos de outras Instituições de ensino, para o desenvolvimento de projetos para ampliar e diversificar canais de comercialização de produtos e serviços de comunidades rurais da região do litoral do Paraná.

O depoimento dos participantes do APL.Tur entrevistados revelam como se estrutura a organização sociopolítica do APL.Tur. Os empreendimentos socioprodutivos locais são qualificados como associativos e/ou de socioempreendedorismo individual, articulados, que funcionam sob lógica comunitária. Os membros desse arranjo compartilham da expectativa de melhoria da qualidade de vida local, por meio de práticas que prezam pela colaboração e a vivência de princípios solidários.

O Arranjo Socioprodutivo de Turismo de Base Comunitária (APL.Tur) configura redes de organizações socioprodutivas locais, qualificadas como associativas, comunitárias ou de socioempreendedorismo individual, que precedem a responsabilidade socioambiental. Dessa forma, segundo as entrevistas, a ideia de se conjugar os socioempreendimentos com as iniciativas individuais sob a perspectiva de Arranjo Socioprodutivo foi bem recebida pelos moradores locais, conforme avaliação realizada pelos atores envolvidos em suas atividades. Isso porque, desde a gênese do processo, houve a preocupação de inserir a comunidade em todas as etapas de organização e planejamento das atividades do Arranjo.

Desde o início dos trabalhos do APL.Tur, a comunidade é tida como protagonista de seu desenvolvimento. Através da metodologia de diagnóstico participativo, os membros comunitários identificam e propõem soluções para seus problemas, e a equipe técnica e de pesquisa (interdisciplinar), serve apenas como facilitadora. Sendo assim, a própria comunidade organiza,

X SEMINÁRIO 2013 ANPTUR

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
9 a 11 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul

coordena e articula os encadeamentos do Arranjo Socioprodutivo. Logo, oportuniza-se a manutenção de seus modos de vida, inclusive da organização do trabalho, além da criação de alternativas que complementam a renda familiar.

Considerações

No caso do Rio Sagrado, o desenvolvimento do turismo no âmbito de um Arranjo Socioprodutivo de Turismo de Base Comunitária encontra condições favoráveis para a manutenção dos modos de vida e de produção dos atores envolvidos. Isso porque a atividade turística no bojo do APL.Tur se desenvolve de maneira integrada às demais atividades produtivas da localidade do Rio Sagrado. Assim, algumas dessas atividades, como a agricultura e confecção de artesanato, constituem-se como atrativos do turismo comunitário, reforçando e valorizando o modo de vida local.

A partir da proposta do APL.Tur percebe-se que a realização de diversas experiências comunitárias, umas sendo mais mercantis que outras, mas que mesmo sendo individuais ou isoladas, tem um sentido comunitário por constituírem um Arranjo Socioprodutivo. Ou seja, a proposta do APL.Tur traz benefícios para a comunidade, como qualificação de jovens e adultos, abertura de canais de comercialização para seus produtos, desenvolvimento ecossocioeconômico. Logo, oportuniza-se a manutenção de seu modo de vida – ainda que nele se insiram novas atividades produtivas a eles articuladas – além da valorização do trabalho e complemento na renda familiar.

Neste contexto, entende-se que o fomento da experiência do APL.Tur na localidade possibilita que os atores participantes passem a desenvolver a organização do trabalho a fim de fomentar as atividades para geração de trabalho e renda em busca do desenvolvimento local.

Essa experiência ao propiciar o fortalecimento do Turismo de Base Comunitária, que embora tenha como eixo norteador integrar vivências, serviços de hospedagem e de alimentação, oportuniza a conservação do modo de vida das comunidades bem como a conservação da biodiversidade do Rio Sagrado.

Mesmo com dificuldades na coesão e participação comunitária, bem como na comercialização dos produtos do arranjo, os membros comunitários que estão envolvidos nas atividades buscam identificar e propor soluções para seus problemas, ou seja, organizar, coordenar e articular os encadeamentos do arranjo socioprodutivo, atuando como protagonistas de seu próprio desenvolvimento.

Diante das transformações destacadas pelos entrevistados, conclui-se que o projeto de APL.Tur oportunizou, além da criação de alternativas que complementam a renda familiar e fomentam a organização das atividades produtivas, a manutenção de seus modos de vida. Ou seja, mais do que

X SEMINÁRIO ANPTUR 2013

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
9 a 11 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul

gerar divisas, a experiência de arranjo socioprodutivo de turismo de base comunitária foi interpretada pelos envolvidos como uma possibilidade para o desenvolvimento local, motivada pela aspiração dos seus moradores na busca da melhoria da qualidade de vida, valorizando seus conhecimentos tradicionais.

Referências

- Albagli, S.; Brito, J. 2002. Arranjos Produtivos Locais. RedeSist - Rede de Pesquisa em Sistemas Produtivos e Inovativos Locais. Disponível em: <<http://www.ie.ufrj.br/redesist>> [Acesso em 10 maio 2012].
- Keller, F. A. 2008. Arranjo Socioprodutivo de Base Comunitária: Um projeto piloto na comunidade do entorno da micro-bacia do Rio Sagrado (Morretes/PR). Dissertação. Programa de Pós-Graduação em Administração, Universidade Regional de Blumenau – FURB.
- Cassiolato, J.; Szapiro, M. 2002. Aglomerações geográficas e sistemas produtivos e de inovação. RedeSist - Rede de Pesquisa em Sistemas Produtivos e Inovativos Locais. RJ. IE/UFRJ. Disponível em: <<http://redesist.ie.ufrj.br>> [Acesso em 08 maio 2012].
- Coriolano, L. N. 2006. O turismo nos discursos, nas políticas e no combate à pobreza. São Paulo: Annablume.
- Diegues, A. C. S. 1994. Populações tradicionais em Unidades de Conservação: o mito moderno da natureza intocada. São Paulo: NUPAUB/CEMAR/USP.
- Inoue, C. Y. A. Reservas Sustentáveis: reflexões sobre a experiência brasileira. Brasília: Conservação Internacional, 2007.
- Irving, M. de A. 2009. Reinventando a reflexão sobre turismo de base comunitária: Inovar é possível? In: BARTHOLO, R.; SANZOLO, D. G.; BURSZTYN, I. (Orgs). Turismo de base comunitária: diversidade de olhares e experiências brasileiras. Rio de Janeiro: Letra e Imagem.
- Minayo, M. C. de S. 2004. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 8. ed. São Paulo: Hucitec.
- Pecqueur, B. 2005. O desenvolvimento territorial: uma nova abordagem nos processos de desenvolvimento para as economias do sul. Raízes, Vol. 24, jan.- dez.
- Sampaio, C. A. C.; Zechner, T. C.; Alves, F. K. 2008. O Papel do Turismo no Arranjo Socioprodutivo de Base Comunitária da Microbacia do Rio Sagrado. Revista Dynamis. Blumenau (SC), v. 1, p. 34-42.
- Sampaio, C. A. C. et al. 2005. Análise comparativa de experiências de turismo comunitário no Brasil e no Chile. Revista de Negócios, v.10, p. 288 – 301.
- Sampaio, C. A. C. 2005. Turismo como fenômeno humano: princípios para se pensar a socioeconomia e sua prática sob a denominação turismo comunitário. Santa Cruz do Sul: EDUNISC.

X SEMINÁRIO ANPTUR 2013

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
9 a 11 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul

Santos, M. 2002. A natureza do espaço: técnica e tempo-razão e emoção. São Paulo: EDUSP.

Saquet, M. A. 2007. Abordagens e concepções de território. São Paulo: Expressão Popular.

Schneider, S. 2003. Teoria Social, Agricultura Familiar e Pluriatividade. RBCS. Vol. 18, nº. 51, p. 99-123. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/rbcso/v18n51/15988.pdf>> [Acesso em 10 junho 2012].

Zamignan, G. Sampaio, C. A. C.; Mantovaneli Jr, O. 2011. Avaliação de uma metodologia de planejamento e gestão de arranjos socioprodutivos de turismo de base comunitária: a experiência da microbacia do Rio Sagrado (Morretes, Brasil). Anais... VIII Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo - 02 e 04 de outubro de 2011 – UNIVALI – Balneário Camboriú/SC.

Zamignan, G. 2012. O olhar da comunidade sobre o Arranjo Socioprodutivo de Turismo de Base Comunitária em Morretes (PR): Vivências, Experiências e Aprendizados. Dissertação. Programa de Pós-graduação em Meio Ambiente e Desenvolvimento, Universidade Federal do Paraná - UFPR.